

## ELOGIO DA UNIVERSIDADE<sup>1</sup>

Ary Ferreira da Cunha<sup>2</sup>

**Resumo:** A Universidade é uma das instituições fundamentais na nossa sociedade, pelo importante contributo que desempenham na criação, transmissão e multiplicação dos efeitos associados ao acervo cultural, artístico, tecnológico e científico que são pilares da civilização. Para o bom cumprimento do seu importante papel, muitas universidades não dispõem dos meios necessários, mas, pior do que isso, muitas vezes parecem andar confundidas no que diz respeito à sua missão e ao melhor caminho para as alcançar. Parece-nos que o grande valor universitário é a Liberdade e que só sob o seu signo melhor poderá a Universidade contribuir para a descoberta de vocações, assim cumprindo melhor a seu próprio chamamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade, Educação, Ensino Superior, Talento, Vocação.

**TITLE:** Praise of University

**Abstract:** Universities are the most fundamental institutions in our society, mostly for their contribution in spreading the benefits, creating, and transmitting our cultural, artistic, technological and scientific acquis, representing the main pilasters of civilization. Many universities might not have the required means to fulfill their role, but, worst than that, many times they seem to be somehow confused about their mission and about the track to achieve them. We believe that the main academic value is Freedom and that only by its motto might the University contribute to the discovery of vocations, thus fulfilling its own vocation.

**Keywords:** University, Education, Higher Education, Talent, Vocation.

### Introdução

A Universidade, toda e qualquer uma que seja digna do nome, é um lugar fascinante. A idéia de um lugar onde se reúnem estudantes e professores para criar, transmitir e multiplicar os efeitos do conhecimento de ponta é símbolo do que há de melhor no Homem: da sua inteligência e criatividade, da sua ambição e generosidade, da sua vontade de deixar legado. Alguém disse um dia que “*a espécie humana vive sempre a uma geração da barbárie*”. Esquecemos demasiadas vezes que é na arte, na cultura, na técnica e na ciência transmitidas pela educação que reside tudo aquilo que nos separa das cavernas de onde saímos há já milénios<sup>3</sup>. Sem educação de nível superior, capaz de contribuir para (re) produzir o nosso acervo civilizacional demoraria muito pouco até que este se perdesse para

<sup>1</sup> Com base na conferência intitulada “*Universidade - Vocação, Liberdade e Descoberta*”, proferida pela primeira vez no tedxyouth@Porto, evento subordinado à temática “*Oficina do Talento*”, dia 20 de Novembro de 2010, no Museu Soares dos Reis, no Porto.

<sup>2</sup> Pedro Ary Malato Borralho Ferreira da Cunha. Membro do Conselho de Administração do Centro de Investigação Jurídico-Económica (CIJE), da Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Membro do Conselho Geral da Universidade do Porto, do Conselho Executivo da Faculdade de Direito da Universidade do Porto e Presidente da Sociedade de Debates da Universidade do Porto.

<sup>3</sup> ORTEGA Y GASSET, José, *Misión de la Universidad*, Madrid, Revista de Occidente (1930).

sempre<sup>4</sup>. Sem dúvida que uma das mais importantes instituições criadas nesse quadro, depois da família, mas certamente a par de algumas instituições políticas, é a Universidade<sup>5</sup>. Mas apesar disso, ela é muitas vezes desvalorizada e os seus agentes andam muitas vezes perdidos; razões pelas quais ela se mostra muitas vezes incapaz de se cumprir, de realizar a sua missão, de desempenhar o nobre papel que lhe é cometido pela sociedade.

Neste artigo, procuraremos clarificar a missão da Universidade e dos seus agentes, segerindo a Liberdade como o valor de referência da actividades académicas, capaz de dar-lhe rumo claro, dignificando o papel de professores, estudantes e funcionários.

Da mesma maneira que as empresas nascem sob o signo do lucro, acreditamos que a Universidade é uma instituição sob o signo da liberdade. Esta aproximação não pretende excluir outros conceitos de interesse, maior o menor, para a Universidade, pelos quais outros poderiam optar. A honestidade (virtude de promoção essencial para combater o plágio) a verdade (pressuposto em toda a investigação) mesmo o lucro (barómetro [para muitos] do valor das realizações humanas) a disciplina (virtude dos que se empenham no estudo ou na investigação sem voltar as costas às dificuldades) ou a justiça (não fosse tão necessária na avaliação e na conduta de todos) por mais importantes que sejam para as actividades académicas, não fornecem, assim cremos, um referencial aplicável num conjunto tão amplo de circunstâncias. Não poderemos aqui alongar-nos sobre o confronto com outros valores, dadas as limitações de tempo e espaço inerentes a um trabalho desta natureza.

Não se confunda, por outro lado, a firmeza das nossas afirmações com a presunção de deter da verdade o monopólio. Sabemos que neste artigo abrimos o flanco a justas críticas, mas não pretendemos aqui sequer indicar um caminho, mas antes um rumo de valorização da Universidade que parte de dentro para fora. O “cepticismo organizado”<sup>6</sup> é um dos mais valiosos instrumentos que a academia dispõe e ao qual (felizmente) ninguém está imune.

### 3. Elogio ou elegia

A necessidade de um elogio da Universidade, neste tempo em particular, pode parecer extemporânea e desenquadrada das principais preocupações sociais, éticas e científicas. A própria reflexão sobre a Universidade há muito que superou essas crises de identidade e nenhum governo pensa em acabar com as universidades presentes no seu país. As

---

<sup>4</sup>“Carecido de um equipamento instintivo que determine e dirija certamente a sua conduta, desfavorecido neste aspecto relativamente aos outros seres vivos, o homem necessita de criar instituições, de instituir coordenadas que lhe permitam encontrar um rumo de acção e encontrar uma definição de si próprio face aos caos dos seus impulsos sumamente inespecíficos e sem direcção”. MACHADO, João Baptista, *Introdução ao Direito e ao Discurso Legitimador*, Coimbra, Almedina (1985), p. 7.

<sup>5</sup> COLE, Jonathan R., *The great American university: its rise to preeminence, its indispensable national role, why it must be protected*, New York, Public Affairs (2009).

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 61.

universidades de hoje do mundo inteiro recebem hoje mais estudantes em busca de títulos do que alguma vez receberam.

Dados da OCDE estimam que, entre 1998 e 2009, o número de estudantes universitários tenha crescido em média 4,5% ao ano. E em países como Espanha, Irlanda, Polónia, Portugal ou Turquia o número cresceu a um ritmo de mais de 7% ano ano.<sup>7</sup> A Universidade deixar de existir é um cenário que ninguém vislumbra como possível, mas o crescimento no número de estudantes não correspondeu em muitos casos a um aumento do nível de financiamento das instituições por parte do Estado. Em 1995, perto de 85% da despesa do sistema de ensino superior era suportada pelos fundos públicos na União Europeia, perto de 80% na OCDE; onze anos depois, o peso do financiamento público tinha descido para 80% na União Europeia e 73% na OCDE.

Nos últimos anos a tendência vem sendo agravada, embora o fenómeno não ocorra em todos os países. O caso português é neste capítulo paradigmático destas mudanças: em 1995, quase a totalidade do financiamento provinha do Estado (96,5%), em 2006, atingia-se o segundo valor mais baixo da Europa, com 66,7% do financiamento a provir do Estado. Esta alteração brusca provocou um abalo profundo nas economias familiares em tempo de crise económica e na saúde financeira das universidades periféricas, muitas delas em risco de fechar as portas. Portugal tem hoje um dos padrões de frequência do ensino superior mais elitista do mundo ocidental<sup>8</sup>.

Na era do conhecimento, no século da informação, a consciência da importância das universidades como centros de saber e inovação que beneficiam as comunidades em que estão inseridas tem como corolário uma obrigação do Estado em contribuir para o seu financiamento promovendo a coesão social, a criação de valor nas economias e o dinamismo da investigação nacional.

#### **4. Sentido de Missão**

Qualquer comparação entre enormes universidades-corporação anglo-saxônicas - com presença em diversos países, negócios editoriais multibilionários, milhares de patentes registadas e séquitos de patrocinadores e mecenas - e as modestas universidades medievais com algumas dezenas de estudantes, um punhado de professores e alguns livros, parece despropositada. Mas se virmos bem, na sua essência, as Universidades não mudaram assim tanto: e ainda bem! A história repete-se um pouco por todo o lado: as Universidades começaram como locais de reunião entre estudantes e professores.

---

<sup>7</sup> OECD, *Education at a Glance 2009: OECD Indicators* (2009), p. 28 e ss.

<sup>8</sup> CERDEIRA, Luísa, *O Financiamento do Ensino Superior Português*, Coimbra, Almedina (2009), p.560 e ss..

Novos estudantes traziam vontade de aprender novas coisas, novos professores traziam novos livros e novas coisas para ensinar e o número de matérias cresceu, foram-se ampliando edifícios com o apoio de mecenas locais, de Igrejas, de senhores feudais ou do Estado<sup>9</sup>. Mas a idéia básica continuou a mesma: reunir quem quer aprender e quem quer ensinar. Curiosamente, estudantes e professores até gozavam de maior mobilidade há oitocentos anos do que nos dias de hoje. Parece-nos seguro concluir que as universidades são instituições que prestam serviços no domínio da criação, transmissão e multiplicação dos efeitos benéficos de arte, cultura, técnica e ciência. Estas três missões fundamentais são em regra chamadas: *Investigação, Formação e Extensão*.

É muito fácil quando temos uma missão difícil e de grande envergadura perdermos a noção da missão em si, tomarmos a parte pelo todo, o efeito pela causa, os meios pelos fins. Imaginemos que o nosso objectivo é ter muitas borboletas no nosso jardim. Há quem ande atrás de borboletas e há quem cuide bem do jardim. As Universidades andam muito cansadas a correr atrás de poucas borboletas, quando muitas vezes têm jardins cheios de potencial. Mas a culpa não é só das Universidades, porque nós, enquanto membros de uma sociedade, também temos de definir melhor o que queremos delas. E depois temos de dar às Universidades os meios necessários ao cumprimento das missões que lhes destinámos. As Universidades ficam incrivelmente baratas aos indivíduos e ainda mais baratas às sociedades que as financiam, se olharmos aos benefícios que retiramos delas<sup>10</sup>. Boa Investigação é a busca de conhecimento científico em diferentes áreas, a busca independente da verdade, pesquisa original. Mas também é a investigação que procura responder às questões certas, que procura resolver problemas, em especial os mais urgentes, a que nos faz compreender melhor o mundo ou lidar melhor com os seus desafios.

Boa extensão é o bom serviço à comunidade: respondendo aos problemas da indústria, apoiando a decisão pública, aproveitando as necessidade de formação prática dos estudantes para os colocar a prestar serviços à comunidade. Deve decorrer naturalmente da actividade de formação e da actividade de investigação. Os estudantes devem sair das universidades e ser actores de transformação. A pesquisa realizada nas universidades deve sair ao encontro da resolução de problemas reais e ser mais do que mero exercício especulativo. Isto não significa que a Filosofia não tenha lugar, ou que as Humanidades tenham um lugar subalterno, apenas que todas as áreas têm responsabilidades perante as comunidades em que estão inseridas.

Boa formação é a que é dada quando as licenciaturas dão aos estudantes uma *forma mentis*, uma maneira de pensar os problemas e os principais conceitos de uma área científica

<sup>9</sup> COSTA, Mário Júlio de Almeida, *História do Direito Português*, Coimbra, Almedina, 2<sup>a</sup> ed., p. 228 e ss. e p. 327 e ss.

<sup>10</sup> SAMUELSON, Paul A. e NORDHAUS, William D., *Economia*, McGraw-Hill, 2005, 18<sup>o</sup> ed., trad. Elsa Fontainha e Jorge Pires Gomes, p. 251 e 252.

ampla; quando o mestrado ensina os estudantes a manobrar com à vontade uma área científica específica, resolvendo problemas correntes de forma autónoma e fazendo incursões em zonas inexploradas sob orientação; e quando o doutoramento ensina a manobrar de maneira autónoma numa área específica resolvendo problemas novos de maneira inovadora e original.

Uma boa formação é formação para a liberdade. Quão abertos estão os nossos horizontes? Quão amplas são as possibilidades que se nos oferecem? Quantos caminhos temos à disposição? É para nós paradigmático o facto de a Universidade não ter campanhas. Por muito que se fale de infantilização do ensino superior não há ainda manuais obrigatórios, falta de material, falta de trabalho de casa, ou faltas disciplinares. Em muitos cursos não há faltas às aulas, mas se não leva os códigos, as batas, os cadernos, as canetas certas, os computadores ou outro equipamento não trabalha, e geralmente as coisas não correm bem a quem não trabalha. Podem alguns achar que um sistema destes favorece a irresponsabilidade. Mas, se pensarmos bem, aplicado a adultos empenhados, favorece outrossim a responsabilidade. Cremos que as pessoas produzem mais quando são chamadas a criar. Alguém disse um dia que *“não fomos feitos para trabalhar e a prova disso é que cansa”*, o que não disse é que fomos feitos para criar e a prova disso é que a criação nos traz uma satisfação imensa e um sentimento de realização único.

## **5. Liberdade de ensino e pelo ensino**

A Universidade deve ser um permanente apelo à libertação dos espíritos, ao abrir de horizontes, proporcionando experiências de realização pessoal através da aprendizagem, do crescimento, do desenvolvimento dos conhecimentos e das capacidades individuais em ambiente social. Não podemos dar-nos ao luxo de simplesmente transmitir conhecimentos, porque estamos a preparar pessoas para viver num mundo em que o que sabemos hoje lhes vai servir de muito pouco. Em meia dúzia de anos, o tempo de demora a obter em muitos países um curso de Direito, são alterados dezenas de milhares de diplomas legais, entre os quais centenas de leis no atual panorama legiferante. Há meia dúzia de anos o *online marketing* era ainda uma criança, as redes sociais quase não tinham expressão, os telemóveis ainda serviam para telefonar. Quando os estudantes que ingressaram este ano para Engenharia, Medicina (ou para qualquer curso, em boa verdade) entrarem no mercado de trabalho os seus conhecimentos já vão estar desatualizados.

Hoje têm 65 anos os estudantes que entraram nas nossas Universidades em 1963. O que é que se ensinava em 1963? O homem ainda não tinha pisado a Lua, os Beatles lançavam o primeiro álbum, Martin Luther King dizia que tinha um sonho e Kennedy que era

Berlinense, João Goulart subia a presidência e a Mônica tinha sido desenhada pela primeira vez, com o lápis de Maurício de Sousa. Os estudantes que entrarem este ano vão ter 65 anos em 2057. Alguém faz ideia dos conhecimentos necessários para se trabalhar, seja em que área for, em 2057? A única hipótese que temos de lutar contra a imprevisibilidade, a mudança, a inovação é apostar nelas. É colocar os nossos estudantes com a atitude mental necessária a lidar com a imprevisibilidade e a criar mudança inovando. O importante é educar para a liberdade, libertando-se do medo de perguntar, do medo de experimentar, do medo de falhar, do medo de ser diferentes, do medo de explorar, de explorar os seus próprios talentos. Se abirmos caminhos aos nossos estudantes, retirando-lhes espartilhos internos e externos, será mais fácil cada um reconhecer os seus talentos e encontrar a forma de melhor contribuir para a transformação do mundo à sua volta. A anomia social que floresce em tantas das nossas sociedades, queimando em fogo lento as vidas de tantos jovens, poderia eventualmente ser minimizada com uma educação para a liberdade, para saber escolher e para se responsabilizarem por essas escolhas, para encontrarem o seu caminho atentos aos seus dons. Temos de estar cientes de que ter um talento não é algo excepcional. É a coisa mais natural do mundo. E é na Universidade que temos, enquanto sociedade, talvez a última grande oportunidade para detectar, promover, incentivar, encubar talentos, talvez a última grande oportunidade para libertar e dando oportunidades para descobrir que o mundo está cheio de possibilidades, cheio de oportunidades para sermos tudo aquilo que somos<sup>11</sup>. Chamamos a esta nossa espécie “*ser humano*”. Não é “*fazer humano*”. Não é “*ter humano*”. É “*ser*”.

Quando a criança começa a tentar andar, nós prestamos atenção; quando ela revela um talento, às vezes nem por isso prestamos atenção. Quando falamos com crianças pequenas de qualquer estrato social é fascinante como elas acreditam que podem ser qualquer coisa. E depois acontece-lhes uma coisa terrível: são educados para pensar o contrário. Para não ter desilusões, porque toda a gente à sua volta faz um determinado percurso, porque não querem desiludir os pais e escandalizar os amigos, porque não tiveram a formação adequada. Nem sequer se atrevem a sonhar fazer o que querem fazer, quanto mais a ser o que queriam ser. Milhares de “*não faças*”, “*não toques*”, “*não olhes*”, “*não leias*” depois, acabamos o ano e descobrimos que vamos para o que curso que nos dizem ter “*mais saída*”<sup>12</sup>.

Este tipo de pensamento empurra a Universidade para um caminho perigoso, que leva à valorização de saberes mais rapidamente rentabilizáveis em detrimento de outros, mas é sobretudo um caminho perigoso para os indivíduos que optam por não procurar um caminho

<sup>11</sup> MCGREGOR, Lynn, TATE, Maggie, ROBINSON, Ken, *Learning through drama: report of the School Council Drama Teaching Project (10-16)*, Londres, Heinemann Educational for Schools Council (1977).

<sup>12</sup> ROBINSON, Ken, *The Arts in schools: principles, practice and provision*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (1982).

mas uma saída, sem olhar a vocações<sup>13</sup>. Este fenômeno não tem apenas impacto na realização pessoal, mas também nas economias. Não é só com espírito empreendedor que se gera emprego, que se cria valor inovando e que se sai da crise<sup>14</sup>. É não nos deixando prender a medos, é respondendo a vocações, é aspirando a fazer aquilo que fazemos bem. É tendo uma ação social capaz de manter pessoas de diferentes formações e culturas, com capacidade e vontade, a estudar aquilo em que são realmente boas, em vez de as empurrar para empregos precários em que nunca realizarão o seu potencial<sup>15</sup>. A Universidade é mais útil para a sociedade quando ensina para a liberdade, promovendo a libertação. Uma boa Universidade amplia horizontes. Não diz “impossível”, diz “ainda ninguém conseguiu”. Não diz “não faças”, diz “experimenta”.

### 5.1 Águias e Galinhas

Um explorador encontra um camponês que recolhera anos antes uma pequena águia - ave estranha naquelas paragens - e, confundindo-a com uma galinha, sempre a tratou como tal. O explorador diz ao camponês que ele tem uma águia ali, mas ele não acredita: afinal, desde pequena no galinheiro, ela sempre se comportara tal como as galinhas. O explorador tenta por todos os meios fazê-la voar, sempre sem sucesso, até ao dia em que leva a águia para um penhasco. Do alto, longe do galinheiro e para lá das nuvens, o explorador atira a águia para o abismo. Aflita, descontrolada, esta luta contra a queda livre e abrindo pela primeira vez as asas ... voa. É nossa firme convicção de que ninguém ensina nada a ninguém, mas volta e meia há quem aprenda alguma coisa. Os verdadeiros professores são como este explorador. Descobrem águias onde os outros só vêem galinhas, procuram ensinar os seus estudantes a bater as asas, mas quase sempre têm de as pôr à prova, desafiando-os a fazer o que lhes parece impossível. A Universidade é um espaço natural de liberdade para os que procuram aprender e para os que gostam de ensinar. Sem essa liberdade não haverá nem boa formação, nem boa investigação, nem se prestará um bom serviço à comunidade<sup>16</sup>.

### 3.2. Liberdade: Serenidade, Coragem e Sabedoria

A Universidade é uma instituição voltada para a libertação dos indivíduos, libertação da ignorância e da intolerância que são pilares do medo que temos de nós e dos outros. Há uma

<sup>13</sup> NEWMAN, John Henry, *The Idea of a University, Rethinking the Western Tradition*, New Haven, Yale University Press (1996).

<sup>14</sup> ROBINSON, Ken, *Out of our minds: learning to be creative*, Oxford, Capstone (2001).

<sup>15</sup> KAHN, Sharon E., PAVLICH, Dennis J., *Academic Freedom and the inclusive university*, Vancouver, British Columbia Press (1946), p. 4 e ss..

<sup>16</sup> METZGER, Walter P., *Academic freedom in the age of the University*, New York, Columbia University Press (1969), p. iv e ss..

frase que faz parte da maioria dos programas de libertação: “*Dá-me serenidade para aceitar o que não posso mudar, coragem para mudar o que posso mudar e sabedoria para saber a diferença*”<sup>17</sup>. Para formarmos os estudantes de hoje para trabalhar em 2057, eles precisaram de ser hoje indivíduos livres. Com a serenidade, tolerância, gratidão, resiliência, sensibilidade e conhecimento para aceitar o que não podem mudar. Com a coragem, criatividade, inteligência, persistência, força de vontade, carisma, liderança e conhecimento para mudarem o que podem mudar. E com a sabedoria, experiência, sensibilidade e conhecimento para saberem a diferença.

A transmissão de conhecimento não é se não uma pequena parcela de todo o trabalho que há para fazer. E o que esperamos das Universidades é que estas formem estudantes que compreendem a sua vocação e respondam ao chamamento para mudar o mundo. Cidadãos livres nos pensamentos, palavras e ações, capazes de ser exemplo galvanizador das suas comunidades<sup>18</sup>. As Universidades devem ser templos de liberdade. Os professores não são gurus, mas devem ser mestres e privilegiar a ousadia, a sensibilidade, a criatividade, valorizar a experiência e a vontade, fomentar a resiliência e a tolerância. Os estudantes devem ser ousados, criativos e tolerantes. Este é sobretudo um apelo a que a Universidade se repense e a que as pessoas repensem a forma de olharem, de frequentarem a Universidade, enquanto alunos, mas também enquanto professores, porque não há uns sem outros. E era bom que desse repensar surgissem mudanças de atitude. E era bom que essas mudanças de atitude se convertessem em mudanças de comportamento.

## **Conclusão**

Propomos uma Universidade com mais liberdade, mas sobretudo mais gente merecedora dessa liberdade, capaz dessa responsabilidade, gente consciente do prémio que é conseguiu-la. Uma Universidade menos dividida em guerrilhas internas, mas em guerra contra a intolerância. Uma Universidade com espaço para os laços de amizade, respeito e partilha entre estudantes e professores. Uma Universidade com inclinação para as Artes, com espaço para Humanidades, com tempo para os grupos que a enchem de vida. Não gostava de ver campanhas nas Universidades, manuais inquestionáveis, verdades absolutas, mas antes uma Universidade mais preocupada em libertar o mundo e as mentes das amarras da ignorância.

Uma Universidade mais sequiosa por conhecimento do que por financiamento, mais generosa com os estudantes pobres do que com os seus convidados ricos. Uma Universidade que se estendesse às comunidades que serve e que a servem a ela, perguntando “*o que posso*

<sup>17</sup> SHAPIRO, Fred R., *Who wrote the Serenity Prayer?*, New Haven, Yale Alumni Magazine, vol. 71, n.º 6 (2008) e SHAPIRO, Fred R., *You can quote them*, New Haven, Yale Alumni Magazine, vol. 73, n.º 3 (2010).

<sup>18</sup> ROBINSON, Ken, *The Element: how finding your passion changes everything*, New York, Viking (2009).



*fazer por ti?*” antes de perguntar “*o que podes fazer por mim?*”. Uma instituição que formasse cidadãos catalisadores das potencialidades de cada comunidade, empenhados em transformar o mundo através da ciência, da cultura ou das artes. Um projeto liderado com genuína paixão pelo conhecimento, generosa na partilha de idéias e recursos; que se apaixonasse uma vez mais pelos seus estudantes, pelos professores, pelos seus funcionários; que viva enamorada pela Investigação e pela verdade. Uma Universidade coesa e dialogante, aguerrida no debate, mas tolerante nas perspectivas, que reencontrasse a sua vocação: casa da verdade, templo de liberdade e ninho dos que, quando abrem as asas, é para voar.

## **BIBLIOGRAFIA**

- CERDEIRA, L. **O Financiamento do Ensino Superior Português**, Coimbra, Almedina (2009)..
- COLE, J. R. **The great American university: its rise to preeminence, its indispensable, why it must be protected**. New York, Public Affairs (2009).
- COSTA, M.J.de A. **História do Direito Português**. Coimbra, Almedina, 2<sup>a</sup> ed., p. 228 e ss. e p. 327 e ss.
- KAHN, S. E., PAVLICH, D. **Academic Freedom and the inclusive university**. Vancouver, British Columbia Press (1946).
- MACHADO, J. B. **Introdução ao Direito e ao Discurso Legitimador**. Coimbra, Almedina (1985).
- MCGREGOR, L., TATE, M., ROBINSON, K., **Learning through drama: report of the School Council Drama Teaching Project (10-16)**. Londres, Heinemann Educational for Schools Council (1977).
- METZGER, W. P. **Academic freedom in the age of the University**. New York, Columbia University Press (1969).
- NEWMAN, J. H. **The Idea of a University, Rethinking the Western Tradition**. New Haven, Yale University Press (1996).
- OECD. **Education at a Glance 2009: OECD Indicators**. (2009).
- ORTEGA Y GASSET, J. **Misión de la Universidad**, Madrid, Revista de Occidente (1930).
- ROBINSON, K. **Out of our minds: learning to be creative**. Oxford, Capstone (2001).
- ROBINSON, Ken. **The Arts in schools: principles, practice and provision**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (1982).
- ROBINSON, K. **The Element: how finding your passion changes everything**. New York, Viking (2009).
- SAMUELSON, P. A. e NORDHAUS, W. D. **Economia**. McGraw-Hill, 2005, 18<sup>o</sup> ed., trad. Elsa Fontainha e Jorge Pires Gomes, p.251 e 252.
- SHAPIRO, F.R. **Who wrote the Serenity Prayer?** New Haven, Yale Alumni Magazine, vol. 71, n.º 6 (2008).
- SHAPIRO, F. R., **You can quote them**. New Haven, Yale Alumni Magazine, vol. 73, n.º 3 (2010).